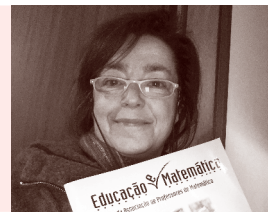


A *Educação e Matemática* completa este ano 30 anos. São 140 números, 141 se contarmos com este que tem nas suas mãos... Ou no ecrã do computador, claro. Talvez possamos dizer que a *Educação e Matemática* já entrou na fase madura e tem uma história apreciável que, pensamos, vale a pena revisitar. A revista 91 – o número comemorativo dedicado aos 20 anos e editado por Henrique Guimarães – constitui um excelente testemunho dessa história. Partimos então daí. Volvidos mais 10 anos, como olhamos hoje para a nossa revista? Para abordar este assunto, abrimos uma secção especial em 2017. Nela contamos incluir depoimentos de alguns sócios, em particular, colegas que tiveram uma ligação especial com a EeM. É o caso de Ana Paula Canavarró, diretora e redatora durante vários anos, com quem inauguramos a secção.

Nos 30 anos da *Educação e Matemática* Uma revista para todo/as, uma revista de todo/as?



Convidaram-me a escrever por ocasião dos 30 anos da *Educação e Matemática*, na minha condição de ex-diretora da revista. Na realidade, apesar de ter sido diretora da revista durante um período de seis anos, entre 2004 e 2010, é talvez mais a experiência como redatora, que fui durante quase vinte anos, que inspira a reflexão que aqui partilho. Entrei para a redação da *Educação e Matemática* em 1993, quando afortunadamente aceitei o convite que me chegou pelo Eduardo Veloso, por entre goladas duma sopa fumegante na Av. 24 de Julho. Nessa altura ainda eram os elementos da redação que milimetricamente editavam, em PageMaker, cada uma das páginas que compunha a revista e aguardava-se sempre com enorme expectativa o momento em que, a cada novo número, os exemplares em papel chegavam à sede da APM, revelando-se finalmente o resultado — que por vezes se distinguiu surpreendentemente do esperado. Desde aí, muito mudou e, hoje em dia, o amadorismo desses tempos deu lugar a um “semi-profissionalismo” em que o número em papel já não revela (quase?) nada de novo que os pdfs não tivessem dado a perceber (excluindo o toque e o cheiro, claro). No entanto, se a tecnologia resolveu sobejamente as dificuldades de produção, o mesmo não se passou com um outro desafio fundamental que a *Educação e Matemática* continua a enfrentar.

Mas a primeira ideia desta reflexão vai naturalmente para o imenso sentimento de satisfação por este aniversário da nossa revista. São 30 anos, a acompanhar os 30 anos da APM, pois a Associação desde cedo perspetivou, e bem, a existência de uma revista profissional. Não admira pois que a *Educação e Matemática* seja um elemento identitário da APM, como que um seu cartão de visita com que se apresenta ao mundo, em Portugal e no estrangeiro. Por detrás dos 140 números já publicados, estão ziliões de horas de dedicação de inúmeras pessoas que para a revista contribuíram ao longo dos tempos.

Permito-me destacar os muitos redatores e redatoras que conseguiram ser bem sucedidos no esforço coletivo de criar cada uma das revistas, o que envolve um enorme trabalho invisível aos olhos que quem lê, muitas vezes em contexto de relaxada e prazerosa produção, outras vezes sob intenso stress em prolongadas horas de cansaço sustentado a café. Estes 30 anos de *Educação e Matemática* são 30 anos de manter continuada colaboração, vencer dificuldades, inventar soluções, criar novas hipóteses, ou seja, 30 anos de persistir e resistir — tudo entre colegas que generosamente se sintonizam e mobilizam em benefício de uma causa comum. Sinto uma imensa gratidão por todo/as o/as que têm possibilitado que, número após número, a *Educação e Matemática* me chegue sem descontinuidades e cheia de qualidade(s), perpetuando o meu vínculo com a APM.

Passo agora a problematizar o papel da *Educação e Matemática*. O que se espera de uma revista profissional de uma associação de professores? No fundo, esta questão está em boa parte respondida no estatuto editorial da revista, o qual nem sempre se tem presente no balanço do dia-a-dia. Como se pode ler no site, pretende-se que a *Educação e Matemática* se constitua como “um meio de comunicação privilegiado da Associação”, no que diz respeito a “questões relacionadas com o ensino e a aprendizagem da Matemática”. De forma mais concreta, o estatuto editorial toma como objetivos um conjunto de cinco aspetos que, do meu ponto de vista, têm sido continuamente perseguidos mas não alcançados com o mesmo sucesso e vigor. São eles:

- Promover a troca de ideias e experiências entre professores;
- Estimular a reflexão sobre problemas e desafios da educação matemática;
- Discutir temas actuais e importantes da educação matemática e da educação em geral;

- Fornecer elementos de trabalho para as práticas dos professores;
- Divulgar informação relevante para os professores.

Começo pelo fim. “Divulgar informação relevante para os professores” foi estando sempre presente na revista, pese embora nos dias de hoje me questione sobre a pertinência e possibilidade de consecução eficaz deste objetivo. O mundo digital domina tudo o que tem a ver com divulgação de informação e é imbatível na rapidez e no volume com que a dispensa. Nesta sociedade líquida em que hoje vivemos, a necessária atualidade da informação não é compaginável com a bi/tri-mestralidade da saída dos números da *Educação e Matemática* mas, de qualquer modo, a revista pode ter um papel em vincar algo especialmente significativo.

No que diz respeito a “fornecer elementos de trabalho para as práticas dos professores”, a revista tem sido pródiga. Para além da secção dos materiais para a sala de aula, que em muitas avaliações anteriormente realizadas foi sempre muito apreciada pelos leitores, sempre esteve no espírito da revista a preocupação com os relatos reais de sala de aula, ilustrativos de formas de trabalho com os alunos em torno de tarefas valiosas, apoiados com diversos recursos, que proporcionem experiências matemáticas positivas e que sejam inspiradoras para quem as lê.

Parece-me inequívoco que a revista tem cumprido muito bem o seu papel no que diz respeito a tomar como objeto de atenção “temas atuais e importantes da educação matemática” e, por vezes, a estabelecer pontes com “a educação em geral”. E tem-no feito em articulação com a investigação em educação matemática, procurando também incluir vozes (escritas) teoricamente sustentadas e informadas pelos desenvolvimentos recentes que, nacional e internacionalmente, vão marcando as tendências do ensino e da aprendizagem da Matemática. Esta preocupação revela-se de especial maneira nos números temáticos e também em diversas secções que a *Educação e Matemática* sempre valorizou, umas de carácter permanente e outras inspiradas no que a atualidade vai ditando.

“Estimular a reflexão sobre problemas e desafios da educação matemática” decorre da consecução dos dois objetivos anteriores. A reflexão não acontece do vazio, ela é estimulada pelo sentimento de (in)satisfação e apoiada pelo contacto com realidades diferentes e conhecimento de outras possibilidades, mesmo quando parecem utópicas. E isso é fundamental para a sobrevivência, sempre e no cenário atual em que o professor vive — como ouvi dizer a António Nóvoa, “entalado”. E o professor de Matemática está, diria eu, duplamente entalado. Entalado entre o seu micro sistema da sala de aula com seus

alunos, com idiosincrasias específicas que clamam por diferenciação, e o macro sistema que tudo quer homogeneizar para comparar em avaliações externas que tudo comandam; Entalado entre práticas curriculares que promovam o sucesso dos seus alunos numa Matemática válida adequadas às atuais necessidades e um programa normativo com orientações curriculares retrógradas, focadas em metas desjustadas às necessidades e que excluem tantos alunos da Matemática. A *Educação e Matemática* é uma porta que se abre para “desentalar” o professor e a professora, com páginas cheias para os apoiar e desoprimir.

Tudo isto é potenciado se a revista conseguir “Promover a troca de ideias e experiências entre professores”. Não tenho atualmente estatísticas precisas de quantos autores diferentes já escreveram para a revista, mas serão certamente um grande número em termos absolutos, que tiram partido da variedade de tipologia de contribuições que a revista acolhe. No entanto, não serão assim tantos os autores se os considerarmos em termos relativos. Mesmo sem contas feitas, a percentagem de sócios que já se dispuseram a contribuir para a revista, seja com um artigo, com um depoimento, com uma breve ideia, parece-me qualitativamente reduzida. Existe um sentimento generalizado de que a revista é feita por alguns poucos para proveito de muitos outros. E se, em parte, pode parecer natural que assim seja, isto não é um bom sinal, nem para a revista, nem para a Associação, nem para a comunidade que ela serve. A dimensão da comunicação é vital numa revista profissional em que a troca entre pares assume grande importância no robustecimento de atitudes e na criação e sistematização de um conhecimento próprio. O reconhecimento de que a revista recebe reduzido número de contribuições espontâneas por parte dos professores é já antigo, o que significa que a situação persiste e muito há ainda a fazer para contrariar esta tendência. Claro que a equipa redatorial em conjunto e cada um/a dos redatores em particular faz o seu melhor na captação de artigos, o que permite que a revista subsista com muitas “encomendas”. Mas aos trinta anos de revista, não se poderia esperar mais? Não conseguiríamos gerar uma maior dinâmica coletiva de partilha? Uma dinâmica de co-responsabilização pela manutenção de uma ferramenta vital da vida associativa onde se espera que cada um coloque a sua parte?

Termino esta reflexão focando-me precisamente nesta questão: Nos 30 anos de *Educação e Matemática*, o que pode cada um de nós fazer para contribuir para que a revista, para além de ser para todo/as, seja também de todo/as?

ANA PAULA CANAVARRO
UNIVERSIDADE DE ÉVORA